

# KIERKEGAARD E AS INSTITUIÇÕES: UMA RELAÇÃO PROBLEMÁTICA E TRANSFORMADORA

por Nahor Lopes de Souza Júnior<sup>1</sup>

**Resumo:** Uma compreensão cristã da filosofia de Kierkegaard é uma compreensão do embate entre o filósofo com as instituições. Ontologicamente, esse embate perpassa o conceito de Indivíduo, que compreende muito mais do que o ser humano: é a unidade conceitual do eu frente a uma opção, principalmente à opção de fé, e é imbuída de uma rejeição frente ao sistema e à lógica das instituições presentes, principalmente o Estado. Para isso, buscou-se conceituar o Indivíduo (que é a unidade do Eu dentro do estágio religioso) e apresentar o estilo de vida escolhido pelo próprio filósofo, que foi exemplo de luta contra o sistema, melhor dizendo, sua luta contra a Cristandade dinamarquesa que havia se tornado uma Igreja de Estado, configurando-se com a lógica das instituições. Salva-se uma reflexão presente nos escritos de Kierkegaard: a opção pela fé, no âmbito do conceito de Indivíduo.

**Palavras-chave:** Søren Kierkegaard; instituição; indivíduo; cristianismo; fé.

**Abstract:** A Christian understanding of Kierkegaard's philosophy is an understanding of the clash between the philosopher and the institutions. Ontologically, this clash pervades the Individual concept, which includes much more than the Human Being: the conceptual unity of the self forward to an option, especially the choice of faith, and is imbued in a rejection against the system and the logic of institutions present, especially the State. For this, we attempted to conceptualize the Individual (which is a unit within the religious "I" stage) and to present the philosopher's choice of living, who lived his own life by this concept, sometimes

---

<sup>1</sup> Nahor Lopes de Souza Júnior é bacharel em Filosofia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É professor no Colégio Salesiano e no Colégio São José, ambos em Itajaí, SC. E-mail: [nahorlopes@yahoo.com.br](mailto:nahorlopes@yahoo.com.br).



throughout experience, with the great example of this struggle against the system, which means the fight against the Danish Christianity that had become a State Church, configured with the logic of institutions. This way, a reflection on the writings of Kierkegaard are preserved and guaranteed: the choice of faith, under the concept of the Individual.

**Keywords:** Søren Kierkegaard; Institution; individual; Christianity; faith.

Um dos grandes problemas do Direito e da Filosofia do Direito é a reflexão acerca de determinados casuísmos. As leis findam-se em prerrogativas universais (em sua grande maioria), e aquelas não acabam dando conta da totalidade de analisar as questões humanas. É quando a ética encontra a política. Para tanto, vamos analisar a reflexão que o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855) faz acerca da relação do indivíduo com as instituições consolidadas na sociedade.

No pensamento de Kierkegaard não existem propriamente uma doutrina política, até porque a preocupação do filósofo é essencialmente religiosa. Porém, durante o revés de seu pensamento (por volta de 1841, quando inicia sua contestação com Hegel) e até o final de sua vida, com a sua revolta relacionada à Igreja Luterana na Dinamarca, podemos ter um viés de contestação de Kierkegaard com as instituições políticas.

Há duas polêmicas implícitas na reação de Kierkegaard com as práticas institucionais: uma contra o pensamento de Hegel, e outra contra a desvinculação da Igreja Dinamarquesa daquilo que o filósofo entendia por Cristianismo.

Para uma análise mais detalhada da polêmica kierkegaardiana, é necessário definir de modo sucinto o Estado hegeliano e a filosofia do Indivíduo de Kierkegaard. Muitas das questões colocadas e abordadas por Kierkegaard parecem proféticas, no sentido que desnudam a hipocrisia das instituições e sua parcialidade frente à complexidade dos direitos do indivíduo:

(...) a apologia intransigente da consciência e da interioridade no confronto com a Igreja reformada e institucional da Dinamarca, com o convencionalismo burguês artificioso e estéril da sociedade e da cultura europeia de seu tempo, assim como contra toda coletivização que se faça em detrimento da autêntica singularidade de toda vida individual, corresponde a uma das fontes de hostilidade mais implacáveis contra Kierkegaard provenientes dos mais bens defendidos bastiões da hipocrisia cultural de sua época. (Paula, 2009, p. 15)

Para compreender o problema das instituições que Kierkegaard combate, devemos esclarecer o que Hegel compreende por Estado. Para ele, o Estado é a própria Ideia que se manifesta no mundo, ou o ingresso de Deus no mundo (*cf.* Reale e Antiseri, 1991, p. 151). Mesmo o Estado defeituoso tem um positivo de fundo, sendo que o defeito não invalida o positivo<sup>2</sup>, ou seja, mesmo o Estado considerado mau (pois muitas vezes o defeito dele acaba vindo à tona) contém o

---

<sup>2</sup> Na *Fenomenologia do Espírito*, essa concepção de não corrupção do Absoluto aparece do seguinte modo: “se de uma coisa formada retiramos novamente o que o instrumento nela realizou, a coisa – no caso, o Absoluto – fica para nós exatamente como era antes desse esforço inútil” (Hegel, 1974, p. 48).



Absoluto, seu organismo interior. O fato do Estado estar no mundo é que acontece de estar muitas vezes envolto em corrupção. Essa visão “personificada” da Ideia dá base para uma compreensão intelectualista do Estado, como uma instituição pensada.

Hegel retoma a concepção do cidadão grego da *polis*, pois o cidadão só existe como membro do Estado. A concepção de História nasce da dialética dos Estados, “(...) um crescimento do Espírito, em sua fase objetiva, é necessariamente um crescimento de liberdade” (Nóbrega, 2005, p. 70). Como há uma estrita ligação que abarca as possibilidades e meandros existenciais, surge então a crítica de Kierkegaard.

Kierkegaard não inicia criticando Hegel. Pelo contrário, na dissertação de seu mestrado ele escreve hegelianamente e mostra posições do filósofo alemão quando à questão da ironia. Há na dissertação um apêndice inteiro dedicado a análise da concepção que Hegel faz de Sócrates (*cf.* Kierkegaard, 2006, pp. 169-179). Chega a afirmar em um momento que “Hegel capta e compreende a história em suas grandes formações” (Kierkegaard, 2006, pp. 169-170).

Mais adiante, Kierkegaard escreve uma obra intitulada *De omnibus dubitant est*, traduzida como *É preciso duvidar de tudo*, onde, em uma forma romanceada, conta a história de Johannes Clímacus, nome este que servirá de pseudônimo para diversas obras suas. Nessa obra, Johannes é um hegeliano, fascinado pela problemática do sistema, da comunidade. Porém, aqui Kierkegaard já começa a

afastar-se do pensamento de Hegel, provavelmente decepcionado com os cursos que frequentou de Schelling em Berlim:

Que o indivíduo pudesse tomar consciência do eterno, isso decerto conseguia entender, e esta tinha sido a intenção de uma filosofia anterior, se é que tal existira, mas tornar-se consciente em toda a concreção histórica, mesmo por esse padrão, e não apenas no que se refere ao que passou, isso, para ele, estava reservado para a eternidade (...) a eternidade só estava presente no tempo de uma forma abstrata. (Kierkegaard, 2003, p. 56)

No texto citado mostra-se claramente a o personagem Clímacus diante de um sistema que quer englobar até mesmo a eternidade. Clímacus é um Hegel, que faz filosofia a partir da dúvida, de modo totalmente racional e idealista.

O episódio polêmico de sua vida que mostra a opção do filósofo pela questão do Indivíduo e sua luta contra as instituições estabelecidas é sua luta contra a Igreja Luterana, iniciada por volta de 1850, com a publicação de *Escola do Cristianismo*<sup>3</sup>. Nessa obra, Kierkegaard proclama que o Cristianismo não é uma salvação comunitária, visto que a massa pode ter considerada um verdadeiro tirano, mas sim vem para salvar o Indivíduo:

---

<sup>3</sup> Pode-se datar essa polêmica bem antes, nos *Discursos Edificantes* e nas *Obras do Amor*, de 1847, onde tenta recordar o Cristianismo como prática individual e não mero decorar dogmático. Porém, a publicação de *Escola do Cristianismo* é onde explode de vez sua guerra pessoal.



(...) o Indivíduo cristão não deve comprometer-se com a multidão, embora não tenha de se tornar alheio ao mundo. Ao contrário, o dever do verdadeiro cristão será precisamente o de entrar em conflito com massa (como, aliás, Cristo fez). (Le Blanc, 2003, p. 109)

Aqui entra-se no conceito de Indivíduo, que é chave para a compreensão da polêmica de Kierkegaard com as instituições. O Indivíduo de modo algum se alista com aquilo que é estabelecido (*cf.* Kierkegaard, 1961, p. 131). Ao contrário da concepção hegeliana, é no Indivíduo que deve passar o tempo, a história e a humanidade. É assim que o filósofo se comporta diante da Igreja Luterana na Dinamarca, primeiramente polemizando com o bispo Mynster e, após a morte deste (em 1854), com seu sucessor Martensen, culminando na morte do filósofo em novembro de 1855, esgotado por essa luta pessoal. Tudo aquilo que é estabelecido e divinizado, toda a superestrutura que quer minar o Indivíduo, tudo isto deve ser esquecido (*cf.* Kierkegaard, 1961, p. 135).

Segundo a sua opção de fé, Kierkegaard percebe na estrutura Igreja da Dinamarca uma total e descarada forma de sistematizar o Cristianismo, sendo os pastores e bispos totalmente hegelianos, onde a dimensão da fé, do assumir-se cristão foi esquecida. A Igreja tornou-se funcionária do Estado, pastores eram pagos e à serviço do Estado, e a concepção de totalização do Cristianismo era visível nesse contexto. A Igreja havia tornado-se como que o exemplo visível do pensamento hegeliano sobre o Estado e o Espírito Absoluto. “Se não existe opção, não existe cristianismo” (Paula, 2009, p. 127). A Igreja

não assume o risco da fé, preferindo comer na corte, apresentar-se de forma legalista, abarcando toda a existência, não deixando espaço para o Indivíduo assumir-se cristão<sup>4</sup>. É nesse ponto da reflexão, iniciada nos escritos religiosos de Kierkegaard, que começa uma verdadeira guerra do filósofo contra a problemática do sistema e das instituições: “Com esta categoria, o ‘indivíduo’, quando aqui tudo era sistema sobre sistema, eu tomei polemicamente em mira o sistema, e agora não se fala mais de sistema” (Kierkegaard, *Diários apud Reale e Antiseri*, 2005, p. 239). É Kierkegaard *versus* Hegel, de uma forma mais sutil que a de Schopenhauer. Este último atacava a pessoa de Hegel, e Kierkegaard vai além, contraponto e repudiando o que a Cristandade faz com o sistema hegeliano, mostrando um falso Cristianismo<sup>5</sup>:

A cristandade aboliu o cristianismo, sem dar-se conta propriamente; a consequência é, se há de se fazer algo, que se deve tentar novamente introduzir o cristianismo na cristandade. (Kierkegaard, 1961, p. 76)

Deve-se ter em conta que o Cristianismo não é um sistema de dogmas e leis que tolhem a opção individual do ser humano: é uma religião que salvaguarda a opção de fé, centrada no amor de Cristo,

---

<sup>4</sup> Um exemplo claro disso é o batismo de crianças (cf. Paula, 2009, pp. 129-130).

<sup>5</sup> Aqui deve-se ter bem claro a contraposição histórica entre Cristandade e Cristianismo. Enquanto Cristandade foi uma tentativa legalista dentro da história de mostrar Cristo, Cristianismo é a uma prática concreta dos valores apresentados por Jesus, assumindo todos os seus aspectos, inclusive a cruz (cf. Kierkegaard, 1961, pp. 74-76).



amor este que deve ser multiplicado pelo Indivíduo cristão, mesmo que a possibilidade do escândalo (cruz) esteja presente:

Aquele que ao definir o essencial do Cristianismo como o bem supremo deixa de lado a determinação intermediária do escândalo (...). O caminho para o que é essencial no Cristianismo passa por dentro do escândalo. (Kierkegaard, 2007, pp. 79-80)

Essa polêmica institucional deixa o leitor de Kierkegaard perplexo. Poderíamos ter uma leitura anarquista do filósofo? Algumas vertentes, principalmente com Jacques Ellul, possibilitaram uma reflexão acerca do anarquismo cristão. A Teologia pós-Kierkegaard deve que rever-se, influenciando principalmente a postura dos pastores protestantes frente ao totalitarismo na Alemanha que iniciou-se em 1933.<sup>6</sup>

O mesmo individualismo possibilitado pela leitura do filósofo dinamarquês desnuda algumas características das instituições que conhecemos, fazendo com que os valores pregados pelas mesmas possam ser revistos e reavaliados. É uma forma de encontrar caminhos que possam valorizar o indivíduo dentro de um coletivo, indivíduo esse tantas vezes esquecido pelas leis e instituições.

---

<sup>6</sup> Aqui cabe citar as figuras de Dietrich Bonhoeffer (martirizado durante a Segunda Guerra Mundial) e de Karl Barth, figura proeminente da Igreja Confessante, que fez oposição ao nazismo.



## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, J. M.; VALLS, A. L. M. (2007), *Kierkegaard*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CHÂTELET, F. (org.). (1974), *História da Filosofia: Ideias, doutrinas - Vol. 5 – A Filosofia e a História: de 1780 a 1880*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FARAGO, F. (2005), *Compreender Kierkegaard*. Petrópolis: Vozes.
- HABERMAS, J. (2004), *O futuro da natureza humana*. Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes.
- HEGEL, G. W. F. (1974), *A fenomenologia do espírito*. São Paulo: Abril Cultural.
- KIERKEGAARD, S. (1961), *Ejercitación del cristianismo*. Madrid: Guadarrama.
- \_\_\_\_\_. (1988), *O desespero humano*. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural.
- \_\_\_\_\_. (2003), *É preciso duvidar de tudo*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (2006a), *El Instante*. Trad. Andrés Roberto Albertsen. Madri: Trotta.
- \_\_\_\_\_. (2006b), *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*. Trad. Álvaro Valls. 3. ed. Bragança Paulista: São Francisco.
- \_\_\_\_\_. (2007), *As obras do amor*. Trad. Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes.
- LE BLANC, C. (2003), *Kierkegaard*. São Paulo: Estação Liberdade.
- NÓBREGA, F. P. (2005), *Compreender Hegel*. 3. ed. Petrópolis: Vozes.
- PAULA, M. G. (2009), *Indivíduo e comunidade na filosofia de Hegel*. São Paulo: Mackenzie; Paulus.
- REALE, G.; ANTISERI, D. (1991), *História da Filosofia – Vol. 3*. São Paulo: Paulus.
- \_\_\_\_\_. (2005), *História da Filosofia 5: Do Romantismo ao Empiriocriticismo*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus.

[Texto recebido em 31/10/2011.]